

A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO ENQUANTO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA

Daniel Soares das Chagas*

Jean Rodrigo Pinheiro**

Resumo: O presente artigo tem por objetivo trazer a tona uma reflexão informativa acerca da história da pedagogia no Ocidente. Para tal, irá conceituar primeiramente o que é educação, e após, voltar aos tempos helenísticos da civilização grega, apresentar como se deu a formação do homem grego, a presença da filosofia, e os primeiros passos da formação humana enquanto educação. Após será tratado da educação na Idade Média, o espírito cristão que age concomitantemente a formação humana, a forma de ver o mundo no período medievo, e como a educação deu-se nessa fase da história. Também será apresentado o mundo antropocêntrico após a Idade Média, isto é, a Idade Moderna com a sua virada racional e o ímpeto por conhecer o mundo através do exercício da razão, deixando de lado o dogmatismo religioso de outrora, e que abre um leque de formas de ver o mundo, o homem, e educa-lo. Passando da Modernidade, também apresentar-se-á as consequências e heranças das formas de ver a educação em tempos passados e o que e em que tais formas influenciam hoje na Contemporaneidade, bem como também quais são hoje as principais correntes pedagógicas na educação e como o homem contemporâneo pode agir para uma educação humanizada e formativa frente a perda de referências institucionais da nossa era, e a quebra com a figura do professor como aquele que ensina e a concorrência com os meios tecnológicos que insurgem na esfera educacional.

Palavras-chave: Educação. Formação Humana. Pedagogia. Conhecimento.

1 Contextualização sobre pedagogia e educação

A história da pedagogia é simbiótica à história da educação no ocidente. Desde o surgimento dos primeiros ensinamentos filosóficos na Grécia Antiga, a educação religiosa cristã da Idade Medieval, a forma pragmática e racionalista da Idade Moderna, e até a vasta gama de modos de ver e pensar a educação da idade contemporânea, todos estes modos e períodos

* Acadêmico do 5º semestre de Filosofia da Faculdade Palotina de Santa Maria. E-mail: daniel-chagas_72@hotmail.com

** Acadêmico do 5º semestre de Filosofia da Faculdade Palotina de Santa Maria. E-mail: jean.rodrigo.p@hotmail.com

temporais da história humana trazem até nós teorias que se entrelaçam hoje na aurora dos tempos.

Esta carga de conhecimento e herança cultural trazida de outrora para os dias de hoje, possibilita uma multiforme possibilidade de ação reflexiva para que se efetuem melhorias na educação atual, pois conhecendo o passado, têm-se as bases para um pensar inovador e agregador de valores, compreensivo em relação à diversidade do gênero humano, este, que está desde a mais tenra idade, ao nascer das pessoas, até o seu findar, na morte, em processo de formação educativa, pois o que é educação senão o contínuo aprimoramento das potencialidades humanas? Estas, voltadas para a civilidade, o conhecimento de si, do mundo, do universo, e também como a mola propulsora a que nos dá a capacidade de viver em sociedade.

Dentro do panorama ocidental, a educação sempre foi vista como processo de formação para o homem, pois, a respeito deste, pensa-se que sem receber a educação é incapaz de conviver em sociedade. Ao longo dos séculos, tal visão manteve-se, entretanto, obedecendo às particularidades de cada período histórico.

Neste trabalho, tenciona-se demonstrar os passos e contextos em que a educação esteve envolvida e desenvolveu-se de acordo com a realidade de cada época, bem como as consequências de tais fenômenos educacionais do passado para os dias de hoje, na idade chamada contemporânea. Para isso, será apresentada com foco a formação educacional grega, a visão educacional na Idade Média, na Idade Moderna, e, os desdobramentos pelo qual a pedagogia e a educação passaram e passam nos dias de hoje, devido ao advento e a sistematização das ciências da educação e da formação da pessoa, tais como a própria pedagogia, a psicologia, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, e por que não dizer a filosofia, e ainda que esta não seja ciência, acrescente-se o elemento religioso em seus desdobramentos teológicos.

Há que se contemplar ainda que introdutoriamente, antes de se expor os períodos históricos da compreensão da educação para o homem, uma breve nota sintética e geral que perpassa todas as épocas da história educativa do ocidente: a noção de educação como formação humana. Diz Antônio Joaquim Severino:

Na cultura ocidental, a educação foi sempre vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano. Portanto, a formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém

um ser cultural, uma pessoa – é bom lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nessa linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converge apenas com transformar... A ideia de formação é, pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade. A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem (SEVERINO, 2006, p. 01).

2 O Processo educativo como ensinar filosófico na Grécia Antiga

Do período Grego Clássico, isto é, do século IV ao início do Cristianismo e a Conversão do Imperador Romano Constantino, no século III depois de Cristo, temos o apogeu filosófico grego, o domínio do Império Romano no Ocidente e o início da Idade Média.

No período grego da filosofia, e posteriormente greco-romano, teremos a educação como transmissora de valores de seus respectivos Impérios. A formação do homem grego é voltada para as necessidades de manter as cidades-estados em constante alerta militar, numa época em que a paz não era douradora e conquistada pelo uso das armas e poderio territorial e bélico.

A figura do filósofo como mestre de alunos, embora difundida, não tem um caráter social aplicável a toda a sociedade da época. Eram os filhos dos nobres, ou ricos comerciantes que tinham acesso à educação e ao ensino dos filósofos e sofistas, pois dentro da organização grega, o filosofar, ou ser educado nas artes, ciências naturais, música, poesia, virtudes, e investigação filosófica cabia ao seleto grupo de abastados financeiramente, que por terem condições monetárias, não lhes era preciso o tempo para o trabalho e as artes militares, a não ser que por interesse, filhos da nobreza, como príncipes também deveriam caso quisessem ser treinados para a guerra e a defesa do Reino. Temos aí uma realidade dicotômica, onde a educação para uns, era puramente pragmática para a manutenção da cidade, e do espírito coletivo de cidadania em que valeria qualquer sacrifício para ter a paz e a liberdade grega, estes, considerados valores de ponta para o povo grego. Entretanto, muitos não eram considerados cidadãos gregos e não tinham nenhum acesso à educação, eram estes, escravos, imigrantes, desertores de guerra, e note-se ainda uma ínfima, praticamente nula presença da

mulher nos ambientes educacionais. As escolas gregas, os mestres itinerantes não tinham em seus círculos de alunos a presença de pessoas do sexo feminino, para estas, lhes restava os cuidados com os filhos, o marido e o lar.

É também na Grécia antiga que surge a figura do pedagogo, a etimologia da palavra grega παιδαγωγός, isto é: παιδα (condutor, preceptor, encarregado) e γωγός (criança, jovem) nos mostra que o pedagogo é aquele que conduz a criança até o local do ensino. Na época, muitas vezes esta tarefa era feita por escravos dos nobres, encarregados de cuidar das crianças, e, por este contato, acabaram os pedagogos antigos a desenvolver uma grande facilidade em compreender e entender o mundo da criança. Contemporaneamente, o pedagogo passou ao nível de profissional e estudioso reconhecido sobre os desdobramentos da formação humana no período da infância. Não é mais o escravo que conduz a criança, mas, o mestre que estuda e compreende e trabalha para que este estágio do educar seja bem desenvolvido e compreendido pelo educando, pelos próprios educadores e a sociedade em geral.

Como já enunciado, as bases da civilização ocidental estão alicerçadas na filosofia grega, na influência cristã judaica no campo moral e religioso, a as noções de liberdade e desenvolvimento advindos da Idade Moderna. O processo educacional grego ainda hoje influencia a forma como são educadas as gerações de agora. Quem demonstra isso em seu livro “História da Pedagogia” é o autor Franco Cambi, assim diz ele ao comentar as raízes gregas, medievais e modernas da educação do ocidente:

Por trás do nosso presente, como infraestrutura condicionante unitária e dotada de sentido orgânico e permanente no tempo, opera a Modernidade. Por trás da Modernidade, coloca-se a Idade Média, e por trás desta a Idade Antiga; e, antes ainda, o Mediterrâneo como encruzilhada de culturas, o Oriente como matriz de muitas formas culturais do Ocidente, a grande revolução do Neolítico e o advento das sociedades hidráulicas. A história é um organismo: o que está antes condiciona o que vem depois; assim, a partir do presente, da Contemporaneidade e suas características; seus problemas, deve-se remontar para trás, bem para trás, até o limiar da civilização e reconstruir o caminho complexo, não-linear, articulado, colhendo, ao mesmo tempo, seu processo e seu sentido. O processo feito de rupturas e de desvios, de inversões e de bloqueios, de possibilidades não-maturadas e expectativas não-realizadas; o sentido referente ao ponto de vista de quem observa e, portanto, ligado à interpretação: nunca dado pelos "fatos", mas sempre construído nos e por meio dos "fatos", precário e *sub judice*. A Antiguidade, também em pedagogia e em educação, consigna ao Ocidente as suas estruturas mais profundas: a identidade da família, a organização do Estado, a instituição-escola, mitos educativos (nas fábulas, por exemplo) e ritos de passagem (da infância, da adolescência), um rico mostruário de modelos socioeducativos, que vão desde a *pólis* grega até a república romana, características que se sobrepõem, se entrecortam, se entrelaçam até formar o riquíssimo tecido da educação ocidental (CAMBI, 1999, p. 37).

Ou seja, a educação e a pedagogia seguem também um processo dialético, historicista, em que cada período da história, ora complementa, ora sobrepõem o anterior, entretanto, manteve-se uma solidez basilar em todo e qualquer período, solidez essa, que diz respeito à continuidade e manutenção das estruturas de convenção social e antropológica, como a família, o Estado, conjuntos de valores morais e éticos (ainda que estes sejam os que mais tenham sofrido interpretações e adequações de acordo com a necessidade e as circunstâncias de cada época, ditadas pela política, a evolução tecnológica, a religião e outros fatores), entretanto, sempre permaneceu a noção do homem como um ser inacabado, carente de auxílio, um animal que precisa tornar-se e ser tornado a viver em sociedade.

O ensino da filosofia no período clássico foi mister nessa tarefa de mundanizar o mundo e humanizar o homem, isto é, tornar o mundo aparente cruel em habitável, a casa, o lar para as pessoas, e tornar o homem prodigioso nas virtudes e encantado com a vida, o cosmos, a cidade, e a socialização. O ensino de filosofia deu ao homem grego e a todos os seguintes o imperativo de questionar-se, espantar-se, e o labor em descobrir para agir e tornar agradável e contemplativa a existência humana com todos os seus aspectos, desde a alegria ao sofrimento.

Quiçá hoje o ensino da filosofia mesmo não trazendo respostas prontas e engavetadas, de ao homem contemporâneo o ímpeto de seduzir-se pela existência humana e suas infinitas possibilidades de realização enquanto ser. Assim foi com os gregos.

O ensino da filosofia possibilitou o desmembramento objetal das ciências em varias áreas de saberes, o homem assim procedeu com a atividade filosófica, e esta, tornou-se a mãe de todas as ciências particulares, desde a medicina até a matemática.

3 A Educação na Idade Média, educar o homem para levá-lo para Deus

Com a ascensão do cristianismo, sobretudo do catolicismo após a conversão do imperador romano Constantino e a religião católica ter se tornado a religião de Roma e de todo o continente europeu, a visão de como educar e para que educar sofreu também grandes transformações.

Em uma realidade tracejada por padrões morais judaico-cristãos e com a estrutura institucional de um império, sendo este a Igreja Católica, que gozava além de força espiritual, tinha esta também o respeito e poder político, ao menos, até a Reforma Protestante iniciada por Lutero em 1517 e todas as outras cisões advindas da queda do prestígio e a insurgência

nacionalista da outros reinos europeus como a Inglaterra, que por ordem de Henrique VIII culminou na Igreja Anglicana.

Precedente a reforma, e também por certo tempo após esta, a formação humana no Período Medievo concentrava-se na tarefa de educar os homens e formar uma cultura de elevação da alma para o Divino, uma educação baseada nas Escrituras e, sobretudo nos Evangelhos. Isto, para moldar nos homens uma configuração a Jesus de Nazaré, creditado como Filho de Deus. Vê-se então que a identidade epocal da Europa é profundamente mística, de reverência filial dos cidadãos para com a Igreja e a Lei Divina.

Independentemente das classes econômicas, a educação aqui, não se dá somente dentro das instituições de ensino, que na época estavam surgindo nos moldes de Universidades, Mosteiros ou junto aos palácios. Ou seja, a formação do espírito humano na Idade Média, contendo esta alta carga de espiritualidade cristã, dava-se desde os nobres até os camponeses que não tinham acesso a educação institucional, pois, a mentalidade religiosa, o espírito cristão, e o amor a Deus eram transmitidos de forma cultural, oral, como tradição de família para família, de geração em geração.

Na Idade Média temos um dos mais perfeitos modelos de sociedade e mentalidade teocêntrica. Isto é, Deus como o centro de tudo, o homem, a cultura, a arte, o desenvolver científico e pedagógico era condicionado naturalmente a conduzir o homem para Deus, a exaltar a Deus, e a negar a primazia do homem sobre qualquer aspecto existencial, pois este tinha por sina, enquanto vivesse preocupar-se em salvar a sua alma do Inferno e viver de forma a temer a Deus e configurar-se a forma de vida com que Jesus de Nazaré viveu, assim:

Com a revolução cristã opera-se uma radical revisão do processo e dos princípios educativos: a Paidéia organiza-se agora em sentido religioso, transcendente, teológico, ancorando-se nos saberes da fé e no modelo da pessoa do Cristo, sofredora, mas profética, depositária de uma mensagem caracterizada pela caridade e pela esperança; os processos educativos realizam-se, sobretudo dentro de instituições religiosas (mosteiros, catedrais etc.) e são permeados de espírito cristão; toda a cultura escolar organiza-se em torno da religião e de seus textos; mas, assim fazendo, toda a vida social se pedagogiza e opera segundo um único programa educativo, concentrado em torno da mensagem religiosa cristã. A Idade Média inovará *ab imis* a tradição pedagógica e educativa, influenciando profundamente a própria Modernidade, que dela se separa e a ela se contrapõe polemicamente, mas incorporando instâncias relacionadas tanto com o pensamento quanto com a práxis (a ótica metafísica de um lado, a práxis autoritária e de domínio de outro, só para exemplificar) (CAMBI, 1999, p. 38).

Além do já exposto, outro aspecto da Idade Média que vale a pena deter-se é no tangente ao surgimento das Universidades, das Escolas Monacais e Palatinas.

De toda forma, havia dois sistemas de educação presentes no mundo medieval, estes, tinham por objetivo também o de dar segurança a Igreja, que por meio do ensino religioso, pretendia manter seus domínios fortalecer os laços diplomáticos outros impérios e ordens militares.

A divisão do sistema de ensino era basicamente dada pelas escolas monacais, episcopais, palatinas e as Universidades.

As escolas monacais eram localizadas afastadas das cidades, tinham grandes prestígio pela qualidade da educação oferecida, o termo “monacal” refere-se ao fato que tais escolas ficavam junto aos Mosteiros, ora Beneditinos, ora Franciscanos. O principal objetivo destas escolas era a cópia das Escrituras, textos antigos, a formação dos monges e sacerdotes. Entretanto, pela necessidade, foram-se abrindo as escolas monásticas para membros de famílias favorecidas economicamente que tinham o interesse em estudar. Nas escolas monacais é que estavam as grandes bibliotecas e onde surgem os grandes pensadores da época como Tomás de Aquino, Duns Scotus, Guilherme de Ockham, São Boaventura, Santo Anselmo.

As escolas episcopais, como o nome já a apresenta, estão vinculadas a um bispado, isto é, uma diocese, sob o governo de um bispo, era aberta aos cidadãos, aos campos de pesquisa científica e filosófico-teológica. Muitas são precedentes do que mais tarde viriam a ser a Universidades, como a Universidade de Paris, vinculada a catedral de Notre-Dame.

As escolas palatinas, também como a etimologia a apresenta e define, eram situadas junto aos palácios dos imperadores, visando à formação da nobreza, da burguesia e dos comerciantes, eram voltadas não tanto para a plebe, mas a quem tinha condições financeiras para arcar com o valor das aulas. A educação era ministrada pelo clero ou professores ligados ora a Igreja, ora as cortes europeias.

O surgimento das Universidades dá-se com o crescimento das escolas episcopais ou alguma outra das já citadas. As universidades eram instituições devedoras de obediência à vontade e governo do Sumo Pontífice, pois, uma Universidade somente poderia ser criada por um Papa ou por uma ordem delegada por este. Contavam com a Ajuda de Roma para a sua manutenção e crescimento. O nome “universidade” do latim “*universitas*” quer dizer um universo de conhecimento, ou, a unificação do saber, tanto é que o que era ensinado nestas instituições não ficava somente no campo da teologia ou da filosofia, aparecem também os ramos das ciências exatas como a medicina, a matemática, a geometria, ou linguísticas, como a gramática, há ainda o ensino da música e das demais artes.

4 A Idade Moderna e o espírito de um educar para a razão

Do final da Idade Média em torno do século 1453 com a queda final de todo Império Romano do Oriente, embora o pensamento medieval e os moldes escolares tenham permanecido por mais alguns séculos até a consolidação do pensamento Moderno, temos o surgimento da Idade Moderna, logo após o ano de 1453 caracterizado pela oposição ao pensamento teocêntrico Medieval.

É na Modernidade que surge a ânsia pelo conhecimento racional, a virada epistemológica, o despertar do pensamento dogmático religioso para a crença no poder da razão e do homem como centro do Universo, o surgimento das grandes navegações, o fortalecimento de monarquias absolutistas, o aparecimento das religiões cristãs não católicas e a Revolução Francesa, que marca o início da derrocada da Idade Moderna. Tem-se a ascensão do antropocentrismo e a retomada ou Renascimento da forma de pensar grega, como forma de apagar da história a influência cristã, até a superação do renascimento para uma educação pragmática e tecnicista, alicerçada ainda que em valores cristãos, mas, voltada para uma moral muito dura para com a infância, que vê o jovem como um adulto.

Na Modernidade há um culto a Razão, isto é, a consciência de que o homem é um ser racional, e que o pensar o distingue dos demais seres e o garante existência. É o “*cogito ergo sum*” de René Descartes. A modernidade é ruptura com o Medieval, seja na economia, do feudalismo para o capitalismo, da mentalidade mítica para a racional, da inércia tecnológica para as grandes navegações, para uma retomada da filosofia sobre a teologia. E ainda, da separação entre a Igreja e o Estado, onde a Igreja perde influência e os Estados ganham autonomia para agir, é a época em que Monarcas crescem, Reinos atingem o ápice de poder, mas também onde os ventos da democracia e da liberdade e participação política em todos, onde se respiram ares mais novos e oxigenados, onde a burguesia e a plebe fazem a revolução, onde novas formas de governo aparecem e mapas geográficos são mudados por revoluções. Dentro deste espírito é que se forma o homem moderno.

É uma Idade de características hegemônicas, também de uma história dialética, onde a formação humana tende sempre uma superação de si e daquilo que produz, de desafiar os limites da razão e daquilo que pode ser conhecido, e, de como se pode conhecer o mundo.

Novas visões de psicologia e pedagogia aparecem, algumas dicotômicas, como por exemplo, a corrente que vê no homem um ser mal, “*lobo de si*” e dos seus semelhantes, e que para tal, precisa ser educado por meio de uma disciplina do medo, como no dirá Hobbes no

seu livro “Leviatã”, outro dirá que *o homem é por natureza o único ser que precisa ser educado*, caso contrário não passará a condição de pessoa capaz de uma vida ética, assim diz Kant em “Sobre a Pedagogia”, ou ainda, o homem como um ser não dotado de conhecimento inato, uma “*tábula rasa*”, onde se pode imprimir o conhecimento, como afirma J. Locke em “*Ensaio Acerca do Entendimento Humano*”, ainda há a criança, ou homem bom, que nasce bom, inocente e sem propensão para a ação má, mas que, no entanto pelo convívio em “*sociedade é corrompido*”, pede-se aqui que o homem não perca a inocência da criança, e tenha uma formação que o faça crítico dos malefícios influencias da sociedade, isto é o que defende Rousseau, em “O Emílio”.

As características da Modernidade deram ao homem um grande panorama de mudança e paradigmas a serem quebrados, pois segundo Cambi uma:

Nova fase marcada pela centralidade das ideologias, pelas lutas sociais (de classes, de nações, de etnias), pelo desenvolvimento tecnológico e científico (que renovou saberes e modelos formativos), pelo crescimento da sociedade de massa (que introduziu uma revolução educativa: escolar, curricular, disciplinar, como também perceptiva, cognitiva e ética) tendo como alvo o pensamento científico e o controle social, redefinindo radicalmente os processos educativos (mais sociais e mais científicos) e seus objetivos, sublinhando suas saídas aporéticas: conformação e liberação, emancipação e controle, produtividade e livre formação humana (1999, p. 40).

5 O multifacetado homem contemporâneo frente às muitas formas de educar nos desafios da sociedade plural

Com o findar da Idade Moderna após a Revolução Francesa, o mundo, sobretudo o ocidental passou por mais uma grande transformação, nos âmbitos da cultura, da espiritualidade, dos moldes econômicos, da organização territorial de diversos países, a eclosão de ideologias, um desenvolvimento bélico sem precedentes, governos totalitários, uma negação dos valores metafísicos (gregos e cristãos) e espirituais (judaico-cristãos), em detrimento de um culto desmedido pela liberdade de expressão e exaltação do *ego*.

A filosofia assume um papel heteronômico, em que diversas formas de pensar questões tidas como existenciais revisadas e reformuladas.

Grandes acontecimentos marcam a formação da (des)identidade do homem contemporâneo. Dentre os mais significativos estão as duas guerras mundiais, o desenvolver das ciências da mente como a psicanálise, os novos conceitos psicopedagógicos, a insuficiência do modelo capitalista, a ascensão dos meios de comunicação, a globalização das

mídias, o progresso científico, o pensamento laico e tantos outros fatores que passaram a contribuir para que o homem contemporâneo tenha perdido as bases sólidas no que diz respeito à moralidade, e a educação obtida dentro das instituições como único meio de se obter conhecimento e formação humana.

Há ainda uma perca da interdisciplinaridade, ou seja, o conhecimento científico ficou para um lado e a área humana para outro, o que contribui que forma quase majoritária para a formação de uma sociedade tecnológica e desligada de valores humanísticos, isso, é uma herança da Idade Moderna que cresceu a partir do século XX e XXI, é uma característica cultural, conforme Edgar Morin:

A cultura, daqui em diante, está não só recortada em peças destacadas, como também partida em dois blocos. A grande separação entre a cultura das humanidades e a cultura científica, iniciada no século passado e agravada neste século XX, desencadeia sérias consequências para ambas. A cultura humanística é uma cultura genérica, que, pela via da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos. A cultura científica, bem diferente por natureza, separa as áreas do conhecimento; acarreta admiráveis descobertas, teorias geniais, mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. A cultura das humanidades tende a se tornar um moinho despossuído do grão das conquistas científicas sobre o mundo e sobre a vida, que deveria alimentar suas grandes interrogações; a segunda, privada da reflexão sobre os problemas gerais e globais, torna-se incapaz de pensar sobre si mesma e de pensar os problemas sociais e humanos que coloca (MORIN, 2003, p 17).

Hoje a educação quem uma vez era oferecida nas escolas compete com o conhecimento dado pelas mídias, principalmente virtuais, com a velocidade em que é produzida a informação e o conhecimento, o professor passou a ter um caráter mediador em sala de aula, e, se uma vez este detinha o conhecimento, hoje, ele tem que demonstrar aos alunos como aprender em um mundo que está em constante e veloz transformação. Sobre essa aterradora realidade que tanto produz informação comenta Edgar Morin:

Por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber. O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. T. S. Eliot dizia: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. O especialista da disciplina mais restrita não chega sequer a tomar conhecimento das informações concernentes a sua área. Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimentos escapa ao controle humano. Além disso, como já dissemos os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa

época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas. Daí o sentido da segunda parte da frase de Eliot: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento”? (MORIN, 2003 p. 04).

Os profissionais da educação da atualidade tem um vasto campo de pesquisas desenvolvidas de onde podem aproveitar informações sobre como trabalhar em sala de aula. Há a consciência que nem todos os seres humanos aprendem da mesma forma, mas que cada um tem o seu jeito de construir e adquirir conhecimento, e, esse jeito é singular a cada pessoa.

Dado a perda de valores humanísticos em que se encontra a contemporaneidade, as consequências dos pensamentos ideológicos totalitários, das duas grandes guerras, o ser social contemporâneo tem em si marcado uma carência de orientação educacional que o faça perceber não estar sozinho no mundo, e lhe dê um despertar para a ação ética, o reconhecimento da alteridade, e da dignidade de direitos e deveres comuns a todo ser humano, independentemente de raça, sexo, religião, classe econômica. Sobre este resgate de valores necessários, diz Paulo Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 1996, p 24).

Assim sendo, nota-se que a educação na contemporaneidade ainda é marcada por uma busca, ou retomada de valores, estes, talvez presentes ora na Grécia Clássica, na objetividade de propósitos da Modernidade ou na espiritualidade Medieval, pois frente ao mundo de caráter niilista posto a frente do homem, este busca permear-se em prol de alcançar um norteamento por onde possa dirigir a sua vida. Está aí, o papel da Filosofia e seu ensino, o de dar um novo significado aos esforços e entremeios por onde acontece a descoberta do mundo, esta, feita por cada pessoa.

Conclusão

A educação que se propor a ensinar a filosofia, precisará olhar sua história para entender o momento presente, e apontar não um futuro distante, mas, uma compreensão da dialética do mundo, para levar aos educandos a esperança e a retomada do amor pelo saber, não só do saber pelo saber, mas, apresentar este com algo significativo e transformador, que de sentido as inquietações de jovens, adultos e crianças.

A filosofia precisa recuperar a casa perdida, o seu lugar hoje onipresente para uma presença notável, sensível e que sensibilize o homem, como foram sensibilizadas as gerações passadas na busca por uma existência feliz.

Referências

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Brasília: UnB, 1985

_____. **Meditações**. Ed. Bertrand Brasil.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

CAMBI, Franco **História da Pedagogia** São Paulo: UNESP, 1999.

HENZ, Celso Ilgo, ROSSATO, Ricardo (orgs) **Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada**, Santa Maria: Biblos, 2007.

HOBBS, Thomas de Malmesbury, **Leviatã. Os Pensadores**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5. ed. Piracicaba: editora UNIMEP, 2006.

LOCKE, John. **Ensaio Acerca do Entendimento Humano**. São Paulo: Abril S.A Cultural. 1973

MORIN, Edgar A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento / Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROUSSEAU, Jean- Jacques. **Emílio ou Da Educação**, Martins Fontes, São Paulo, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3. Set./dez. 2006.